

# Commercio do Norte

Director e proprietario: Domingos Pereira Mendes

Redacção e administração: RUA DE SANTO ANTONIO, 125

SEMENARIO

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão.

## Experiencia feita

Já não tem segredos para ninguém isso a que pomposamente damos o nome de politica nacional. O estado psychológico dos governos é um estado de crise permanente. A um excessivo desejo do poder, onde como em fita cinemática vam desfilando os mais variados pretendentes, umas tristissimas mediocridades que, em regimen productivo e salutar, nunca saíam da mais piedosa e talvez honesta obscuridade, concede-se a vaidosa e, infelizmente, caríssima satisfação de uns minutos no reino, na justiça, nas obras publicas, emfim nos sete peccados mortais da patria portuguesa... E' chegar lá acima, declamar ao país o mesmo programma, conseguir no estrangeiro algumas libras, despachar um amigo, exercer a indispensavel vingança e... toca a safar que já outros berram que estamos cada vez mais perdidos. E de facto. A decadencia portuguesa, a nossa inveterada pécha do analfabetismo sam verdades para toda a gente—menos para nós. Não temos dinheiro e não sabemos lêr: o que não impede que, com esses dous requisitos, se façam as nossas eleições e funcione a rata e ainda assim pragueia eloquencia parlamentar. Faltando-nos as bases, a riqueza economica indispensavel factor da prosperidade, a riqueza civica: elemento seguro do progresso a que somos determinados a adaptar-nos com risco do sacrificio da vida, parecerá que tudo nos sobeja.

Na etiologia de grande parte das nossas crises anda quasi sempre a fatura. Sam aos cardumes os nossos estadistas. Elles apregõam que tem o privilegio do elixir salvador, que andam nas suas fileiras os maiores talentos, que, afinal de contas, o problema nacional é grave, gravissimo, mas que os consintam um instantinho no ministerio e verám. Diga-se que temos visto que, logo no dia da ascensão ao poder, a crise está em via de restabelecimento, conforme aos quatro ventos o declaram as gazetas officiais e officiosas. O peor é que a crise debellada é a do orgulho e a do appetite ministerial, porque a outra, os senhores bem sabem, a outra... está ali aquelle á espera de ver para—porque elle sim!—ir pôr tudo nos eixos. Oh! as almas ingenuas dizem que o maxixe é indecente. Essas almas á ingenuidade accrescentam a cegueira.

Sobre o povo roubado, escravizado, pobre, sem ar, sem luz, sem pão, o eterno confiado, o eterno deixa andar, continuam a dançar a sua insuficiencia, a sua caturrice e a sua basófia os governos portugueses. Isto é um pagode e o mais sam historias... A politica nacional é cuidadosamente conservada como a fructa—ás escuras e hermeticamente fechada. O ar constipa-a, o sol agráva-a, tudo lhe faz mal. De sorte que o

supremo cuidado dos governantes é espionar o mais simplez movimento de protesto—para o esmagar. Qualquer dia, julga-se, com as reformas da policia, erguemos da cama todos policias.

Já nem vale a pena discutir. O que importa á administração publica é a rivalidade de Vilhena e Henriques, a saúde do veneravel chefe, etc. O agio da libra? Histórias. A crise económica? Ora adeus! A miseria no Douro? Cantigas. A colonisação africana? Pois sim. Não conhecem o numero de parlamentares regeneradores ortodoxos e o dos não bandeiristas? Ah, ah! é que está o maior, o mais grave, o mais discutido problema da nossa vida publica, o que nos leva á perdição.

Mas, entretanto, o nosso commercio estagna num desperdicio de energias e capital á falta de colocação dos productos industriais. Sobra-nos o vinho, não temos pão. E' innegavel o firme proposito de descurar a instrucção publica em todos os seus ramos, desde a modesta escola na aldeia ao curso superior. Os impostos levam-nos duas terças partes do rendimento. A divida não pode satisfazer-se e o pagamento dos juros está em crescente dependencia de novas dividas. A politica mesquinha trata de paralisar-nos as ultimas virtudes.

Ella mora em todas as repartições do estado e não abandona a propria magistratura. A vida caríssima. Fallencias, só no Tribunal de Lisboa, aos centos. Mas, que importa? Esperem um pouco. O governo estuda. Estuda o augmento da guarda municipal. Ainda se vive e porque não? Nós temos um admiravel poder de resistencia e desta longa cruzada na historia que é uma peregrinação pela miséria, fica a certeza certissima de que a nacionalidade portuguesa não pode suprimir-se. Tal é a coragem obscura, a resignação patriótica, o amor, a dedicação e lealdade do bom, do heroico, do forte povo da nossa terra portuguesa Sómente... esse povo, por habito secular quasi hoje instintivo, alterna, com a brusca e cloão do seu experimentado desassombro, uns longos periodos de modorra. Convem-lhe um estado de meia somnolência em que pode fingir-se que não é comnôco que estão falando e em que é bôa desculpa para a recusa da energia o dizer-se que necessitamos de descansar. Nós descansamos! O português tem assim longos periodos na sua compleição—é accommodatio. Deixa para amanhã o que tinha hoje que fazer. Para elle ha sempre tempo... Da instabilidade politica vem, todavia, resultando uma perigosissima instabilidade economica. O movimento commercial resente-se por maneira, a obrigar os que já estão acordados dum longo e no-civo entorpecimento á inquirição e a suspeita de que o seu prolongamento não vá fatalmente precipitar-nos no abysmo. No abysmo da fallencia sem concordata. Ora vejamos os senhores, os que estiveram lendo, como, apesar de na

consciencia sentirem fortemente as verdades aqui atabalhoadamente expostas, já estão desculpando a apathia, commentando em voz alta (para a si proprios se illudirem)—que isto não é tanto assim. E não é—porque ainda é peor.

EDUARDO D'ALMEIDA.

## Bohemia Jornalística

### O casamento

O casamento é um problema da vida. Se a vida é feita de interesses, o casamento é a expressão maxima desses interesses—quer elles venham de calculos combinados, quer elles partam de sentimentos infundidos.

Eis porque o casamento é sempre um contracto, e, algumas vezes, um negocio.

Chamam-lhe tambem uma loteria e é verdade. Quem casa habilita-se, que o mesmo é dizer—arrisca-se.

Como todo o jogo, o casamento—que é um jogo de destinos, attrae.

O casamento é isto:

Imaginemos aberto de par em par um portão de quinta, florido e alegre. Pelo exterior nós antevemos primaveras de abundancia, auroras de alegria... pomares, jardins, cascatas, repuchos—um paraizo.

Pois assim como os portões bem tratados nem sempre fecham uma quinta primorosa, tambem o casamento offerece pelo exterior essa illusão.

Contudo, reparae: lá pode ver-se este aviso prudente: «Cautela com a ratoeira».

Embora: O aviso dos experientes será, para os corações sensitivos e apaixonados, pouco mais que um simplez espanta-medo.

Lembrem-se, ainda que refeitos de optimismo, que, quem casa, toma uma decisão grave, assume a propria gravidade.

A condicção de casado implica uma responsabilidade, como a de solteiro comprehende uma atenuante.

Casar é ganhar direito a uma nova cathogoria, é, em summa, entrar num rol a que se convencionou chamar—«o rol dos homens serios».

Pelas suas relações sociaes o casamento é proclamado como o mais legitimo encontro entre os dous sexos.

Contra si tem o concubinato, a polygamia, a pederastia,—o amor livre. Para evitar estes contras, a Igreja sagrou-o pelo matrimonio, —embora se esquecesse de o sagrar pelo exemplo.

Errou? Sem duvida.

O voto de castidade defendido pela Igreja é, por seu lado, um ataque ás prerogativas do casamento, pois que, a carne é peccadora. Não importa: a falsa doutrina preconisa uma porta falsa: «Se não poderes ser casto sê cauto».

Entretanto o casamento vae

dentro desta ordem social seguindo o seu curso, ora como uma promessa enganosa, ora como uma esperanca salvadora.

Tirado pela tangente, o casamento é «uma prisão». O divorcio bem comprehendido virá quebrar-lhe as algemas, virá libertalo—mas lá mais para diante.

Case-se, todavia, quem tem de casar, e, para que o faça, é bom que não pense...

Um conselho: Leiam Zolá, meditem no «crescei e multiplicae-vos» da Biblia e, depois, digam-me se as decantadas alegrias do lar—com os respectivos botões e atilhos no seu posto, valem a vida dum solteirão... rico com seis vintens trocados?

Por mim, digo: só me casarei... por esquecimento.

C.

## Do «Independente»

Registramos com intimo jubilo a opinião franca e leal que o nosso illustre collega desenvolve com irreductivel argumentação dos lamentaveis factos que se ham produzido ácerca do descanso semanal.

E' assim mesmo que se faz justiça a quem della carece; é assim que se levanta a consideração e o prestigio a uma classe, que, mais que nenhuma outra, tem indubitavel direito de ser respeitada e attendida nas suas justificadas aspirações; é assim finalmente, com correcção e lealdade que se destrinça e julga aquillo que a opinião reservada e compromettida chama questão de familia.

Permitta-nos todavia o collega que discordemos no ponto da sua local onde affirma (sic) que o commercio nada adianta em discutir o pleito na imprensa periodica, por quanto a questão do descanso está affecta aos tribunaes e estes ainda não disseram a ultima palavra sobre o assumpto.

Acaso bradamos na inopportunidade quando, após as injustas condemnações de alguns bemquistos e honrados commerciantes, a quem não foi possivel attrahir as atenções devidas á sua defeza, que, em verdade merecia mais importancia e conceito, viemos ao campo legal da imprensa, escudamos na pureza da verdade e armados com a força da justiça, levantar humilhações, defender caracteres e provar direitos? Positivamente que não.

Mas quando não fossem bastantes os crimes julgados no tribunal pela conservação dos estabelecimentos abertos aos domingos por auctorisação obtida do sr. governador civil em fins de 1907, era mais que sufficiente tudo quanto politicamente se praticava na intensão manifesta e clara de obstruir a obra incansavel da Associação Commercial, no conseguimento da regulamentação do descanso semanal aos domingos, do meio dia para cima—com um dia inteiro de descanso por quinzena para complemento das 24 horas da lei.

Com effeito aquella collectividade que, por sua condicção orga-

nica e fins a que se destina, assume a lidima representação da classe commercial, não se alheou do seu devêr, antes se tem movimentado infructiferamente para reivindicar os direitos que extorquiram ao commercio, obrigando-o ao encerramento dos estabelecimentos por todo o dia dos domingos, quando na respectiva lei se encontram determinações especiaes que se conjugam com os desejos dos commerciantes e lhes proteccionam os interesses consoante as necessidades e costumes da localidade, o que em consequencia derime as participações imputadas.

Na expontanea opinião do nosso collega, a quem dispensamos toda a consideração e respeito, encarnou-se flagrante e evidentemente o espirito franco e desinteressado do seu intelligente director, conseguindo delinear habilmente, como habil advogado que é, a defesa eloquente e indestructivel de um defensor officioso.

Nós, como o collega, esperamos tambem a breve regulamentação da lei do descanso semanal para esta cidade, de harmonia com as aspirações do nosso commercio.

## Diz-se

—Que a agachada syndicancia promovida ha tempos sobre certo professor primario vae ser tocada com exito.

—Que disso se encarregará o vigoroso jornalista da «Voz Publica» Padua Corrêa.

—Que para complemento desta campanha vae ser interpelado o ministro do reino.

—Que essa interpelação será feita pelo deputado republicano Affonso Costa.

—Que a Camara vae impôr a demolição do barraco existente no Largo da Misericordia.

—Que essa demolição é exigida pelos moradores do mesmo largo.

—Que, por signal, em petição dos moradores se apresenta a razão de a empreza do barraco estar perdendo dinheiro.

—Que o Grupo Araujo Motta, vae declarar os motivos porque não effectou o annuciado sarau.

—Que o ministerio está por um fio.

—Que vae ser ajardinada a Praça de D. Affonso Henriques.

—Que tem augmentado o numero dos batotoiros.

—Que os sinos da Basilica estão abusando dos moradores do Tournal.

—Que a «Carreira do Tiro» deu em aguas de bacalhau.

—Que vae soffrer uma reforma completa a nossa impagavel policia civil.

—Que a Assembleia vae dentro em breve fazer companhia ao Club Commercial Vimaranesse e áquelle atheneu ruidosamente inaugurado em familia.

Que vão ser demolidos dous predios da Praça de S. Thiago que ha muito ameaçam ruina.

—Que na classe commercial se espera com interesse o dia 26, ou, á falta de numero, o dia 28.



**CHRONICA FINANCEIRA**

**Banco Commercial de Guimarães**

Reuniu no domingo passado a assembleia geral deste, sob a presidencia do snr. João Joaquim de Oliveira Bastos, secretariado pelos snrs. Simão da Costa Guimarães e Jeronymo de Castro, para apresentação do relatório da direcção, parecer do conselho fiscal relativos ao anno findo, que foram approvados por unanimidade.

De harmonia com o estatuto procedeu-se em seguida á eleição dos corpos gerentes que tem de servir no trienio de 1909 e 1911 ficando eleitos:

**Assembléa geral.**—Presidente, João Joaquim de Oliveira Bastos; vice-presidente, Antonio de Freitas Ribeiro; secretários, Jeronymo de Castro e Simão da Costa Guimarães.

**Direcção.**—Effectivos, Dr. Antonio Marques da Silva Lopes e Joaquim Ferreira dos Santos; substitutos, Gaspar Thomaz Peixoto e Manoel Antonio da Silva Villaça.

**Conselho Fiscal.**—Effectivos, Visconde do Paço de Nespereira; José do Amaral Ferreira; Antonio da Cunha Mendes; substitutos, João Ribeiro Jorge; João Antonio de Almeida e João Fernandes de Mello.

**Dividendos em pagamento**

- Banco de Bragança, div. de 20000 reis por acção.
- Banco de Barcellos, div. de 3 1/2 % ou 17750 reis por acção.
- Banco de Chaves, div. de reis 20000 por acção.
- Banco Nacional Ultramarino, div. de 3 % ou 27000 reis por acção.
- Companhia de Fiação Rio Ave, div. de 60000 reis por acção.
- Companhia de Seguros «Confiança Portuense», div. de 150000 por acção.
- Companhia de Seguros «Probidade», div. de 20 %.
- Companhia de Seguros «Tagus», div. de 50 %.
- Companhia de Seguros «Tranquillidade Portuense», div. de reis 60000 por acção.
- Companhia de Seguros «Urbana Portuguesa», div. de 6 % ou 30000 reis por acção.
- Empreza dos Elevadores de Villa Nova de Gaia, div. de 10 % ou 50000 reis por acção.

**Propostas da fazenda**

O sr. ministro da fazenda apresenta ao parlamento, entre outras, as propostas da reforma do contracto com o Banco de Portugal, da conversão da divida interna, remodelação dos impostos de modo a torna-la mais effectiva a sua cobrança.

Tambem se fala em qualquer providencia relativa a pagamentos, em ouro, de direitos da alfandega, mas só para determinadas mercadorias.

**Taxas postaes**

Na corrente semana vigoram as seguintes taxas para a emissão e conversão de vales do correio internacionaes:

Franco, 217 reis; marco, 267 reis; corôa, 226 reis; dollar, reis 12050; e sterlino, 43 13/16.

**CHRONICA INSTRUCTIVA**

**Tribunaes arbitros-avindores**

(Continuação)

Ouvidos o auctor e o réo segue-se a audiencia da conciliação, na qual o presidente e os dois vogaes empregarão todos os seus esforços para os conciliar.

Pode uma das partes exigir que funcione mais, como adjunto, um substituto do tribunal do respectivo grupo; neste caso a outra parte, ou o tribunal, nomeará tambem como adjunto, um substituto do outro grupo.

Se se não puder a conciliação, a causa será julgada logo pelo tribunal, se não houver prova testemunhal ou se as testemunhas estiverem presentes, e se não for necessario proceder a exame, victoria ou outra qualquer diligencia fóra da sala das audiencias.

Os depoimentos serão verbaes, e só extractados quando o tribunal o achar conveniente; poderão para maior esclarecimento da verdade ser tomados no local da questão.

Quando a causa não for julgada em seguida á tentativa de conciliação, serão as testemunhas intimadas para a sessão ordinaria immediata, se as partes se não obrigarem a apresentá-las voluntariamente; se se proceder a quaesquer diligencias, os arbitradores serão sempre nomeados pelo tribunal, ouvidas as partes.

Os tribunaes de arbitros-avindores teem duas instancias: a de conciliação, que é tentada perante dois vogaes um de cada grupo, sob a presidencia do presidente do tribunal; e a de julgamento, em que tomam parte os vogaes. Em qualquer estado da causa pode tentar-se de novo a conciliação, por accôrdo das partes, sendo neste caso os vogaes designados por ellas, e sem distincção de grupos. Não sendo admittidos advogados, «as partes pleiteiam pessoalmente», e só por excepção, fundamentada em motivos graves e devidamente reconhecida pelo tribunal, poderão ser representadas por industriaes ou operarios, como procuradores. A forma do processo é sempre summarissima.

O valor da causa, quando seja omisso no pedido ou quando as partes não estejam de accôrdo sobre elle, é julgado como questão previa e sem recurso.

Das sentenças quando o valor da causa exceda 300000 reis, ou por motivo de incompetencia, cuja excepção deve ser allegada antes de começar a audiencia, ha recurso para o Tribunal do Commercio da circumscripção. O recurso será interposto verbalmente em seguida á publicação da sentença, e o processo remetido oficialmente ao Tribunal do Commercio, que o julgará em conferencia na primeira ou segunda sessão, como questão mixta de facto e de direito. E' este um dos maiores defeitos da lei portugueza.

A lei portugueza isenta do imposto do sello os livros necessarios para o serviço do tribunal, as sentenças e quaesquer documentos delle emanados ou que a elle se apresentem, se por outro motivo o não deverem.

As despesas dos tribunaes correm por conta das camaras municipaes das localidades e são obrigatorias.

Os processos são gratuitos isto é, livres de quaesquer emolumento ou custas. Apenas ha multa de 10000 reis a 30000, imposto á parte vencedora quando litigue com manifesta injustiça.

As sentenças devem conter os

nomes das partes, a exposição do pedido e da defesa de quaesquer factos verificados no processo, e emfim as razões que determinaram a decisão.

As sentenças dos tribunaes de arbitros-avindores passadas em julgado, e as proferidas com recurso pelos tribunaes do commercio, serão executadas nos autos, servindo de juizes das execuções os presidentes respectivos com recurso para os tribunaes do commercio.

**Notas & Factos**

**Descanso semanal**

Traz o *Independente* um bom artigo sobre o descanso semanal, onde clara e em forma brilhante como aliás é dos habitos do illustre collega, é exposta a justiça que assiste aos commerciantes vimaranenses, que ahí foram *tórpeamente denunciados*, julgados e *condemnados injustamente*.

Continuámos a affirmá-lo sem receio, com todas as lêtras, embora os cegos não vejam, os surdos não ouçam e os infalliveis não se ralem com estas pequenas misérias: *condemnados injustamente*.

Mas o *Independente* vem um pouco zangado comnôco. E não tem razão. Foi o seu ex.<sup>mo</sup> director quem se encarregou da defesa de alguns commerciantes que, para esse effeito, o procuraram. Sua ex.<sup>a</sup> dictou no tribunal a sua opinião e não estranhámos por isso que, num intuito de modestia, se esquivasse a reproduzi-la no jornal. Nessa defesa sua ex.<sup>a</sup> mostrou, o que não foi para nós surpresa, que é um advogado muito intelligente e muito distincto. Sua ex.<sup>a</sup> pode contar com a gratidão, respeito e admiração da classe commercial. Mas a proposito, sempre diremos ao *Independente* que somos gratos a todas as deferencias e muito certos na amizade, mas nem a gratidão nem a amizade nos calam a verdade quando se torna necessario que essa verdade seja dicta.

O que nos maguou foi o silencio geral da imprensa vimaranense sobre o facto que, em Guimarães, estava principalmente dominando as atenções. Uma parte dessa imprensa, que agora invoca maximas populares em sua desculpa, furtou-se por cobardia a falar na questão. Cobardia de interesses ou de ideias. Isto é para nós, assignantes e leitores dessa imprensa, coisa certa. Mas ficamos sabendo que elles nos querem o dinheiro e fogem de nós quando nós precisamos delles. Não é má philosophia!

Mas não vam os senhores julgar que pagamos com dinheiro a defesa das nossas pretensões. Nós pagamos ao jornal para que elle nos oriente e nos informe. Ora, a respeito de descanso, nem uma coisa nem outra. Um magnifico silencio. Leram Machiavel...

Um dia o silencio quebrou-se e nós descobrimos—com o maior espanto—que nos davam razão. Somente... muito tarde. Os commerciantes vimaranenses, aqui vai mais uma vez, já tinham sido *injustamente condemnados*.

Houve um francês, talvez Karr,

que escreveu assim um livro: *Mais vale nunca que tarde*.

O da má fé? Optimo, optimo! Aquelle sabe levar a vida. Na sua capa de bondade:

—Oh! Fulano, esse é um bom sujeito... furta-se á persistente curiosidade que desejava conhece-lo. Não era difficil. Felizmente estes exemplares são raros. Tanta hypocrisia com tanta ignorancia, juntas, não andam aos pontapés.

Estejam certos de que o homem não sabe escrever nas gazetas. Má lingua... tem. Não para discursar, porque nunca ninguem o ouviu... senão criticar os discursos dos outros. Assim ganha a vida—o finor! A gente da terra gosta destes immigrados. Perdoalhes as offensas e enche-lhes as algibeiras.

Que descanse em paz!

**Folhetim**

Começamos hõje a publicação do folhetim original *Morte Tragica*, escripto por dois vimaranenses. E, por ter sido principiado em domingo gordo, se escondem na mascara de outros nomes, escusando o leitor de procurar os verdadeiros... porque os não encontra. O que não impede que a historia seja emocionante e verdadeira.

**Alfredo Guimarães**

Este nosso patricio publica no ultimo n.º da «Ilustração Portuguesa» um bello artigo sob o titulo—Louça vermelha em Guimarães.

Assumpto amassado á luz dum pertinaz estudo é digno de apreciar-se.

Parabens ao seu auctor.

**Dr. M. Bombarda**

Este eminente professor acaba de se declarar incompativel com os partidos do regime, que o mesmo é dizer, contra o proprio regime.

Vem tarde, mas... sempre é vir.

Foi deputado *amaralista* na ultima situação, onde pronunciou um discurso altamente liberal em homenagem á memoria de Joaquim Antonio de Aguiar.

**Gravuras**

«Simplicius» que de cá se diz, votou no «Caixeiro do Norte», carta aberta ao snr. João Rodrigues Loureiro, de quem estampa a vera-efigie.

O assumpto da carta está mal tratado, mas isso não vem ao caso. O que tão sómente queremos dizer é que se não abuse tanto das gravuras.

Sejamos commedidos e oportunos.

**Peor**

Os «Invenciveis» que de Braga até nós vieram representar no nosso Th., mostravam nos programmas como titulo de *atraccion*, uma figura de mulher-geitosa.

Visto os *autos* provou-se que a cara impressa pertencia a outro corpo.

**Divida**

Em Lisboa erigiu-se um monumento ao Marechal Saldanha, soldado e politico que pertenceu á pleiade heroica dos revolucionarios de 1820.

E' um culto bem comprehendido.

**Em scena**

Os caixeiros de Chaves levaram á scena «Os dous marçanos», conhecido trabalho do nosso amigo P.º Gaspar Roriz.

**Arte de reinar**

El-Rei cumprimentou pessoalmente em acto solemne os vereadores da Camara de Lisboa que, como todos sabem, é republicana.

Como os povos não são exigentes esperamos ver os adversarios desarmados.

**Dito a rir**

«Se não fosse a sua espada, de que não tenho medo, pode crêr, mas uma coisa muito parecida com isso,

..... Já advinhamos: «Vale» tem medo da lingua do seu amigo.

E' o cumulo da lisonja!

Ainda o mesmo divertido jornalista dá á publicidade outra carta, tão metaphoricamente imaginada que, nós perguntamos aos *Genios* se elle escreve p'ra gente deste mundo!

**Logica de gaveta**

—E' mau que haja jogo: —Pois sim... mas o que havia de ser dos jogadores?

—E' mau que hajam escravos: —Poi sim... mas o que havia de ser dos despotas?

E' mau que se fume: —Pois sim... mas o que havia de ser do Burnay?

—E' mau que hajam 75% de analfabetos? —Pois sim... mas que paiz aturava o Zé Luciano?

—E' mau que hajam cretinos: —Pois sim... mas quem nos havia de fazer rir?

—E' mau que se explore uma doença: —Pois sim... mas o que havia de ser dos medicos?

E' mau que se beba até cahir: —Pois sim... mas o que havia de ser dos proprietarios?

—E' mau que se condemnem commerciantes por se haverem insurgido *contra a pratica* duma lei:

(Resposta de doutor:)

—Pois sim... mas o que havia de ser dos trabalhadores da justiça?

Oh Direito! oh Razão! oh Verdade! onde estaes que vos quero... abraçar?

**Doutor... sem attenuantes**

Em gesto *hamletico*: Má fé ou boa fé não faz questão!

Tolentino tambem dizia: «Já cá sustento um cavallo sustentarei mais um burro».

Está certo.

**Do «Seculo»**

**Queixa grave**

*Em Olhão o professor primario official é accusado de explorar abusivamente os alumnos, exigindo-lhes reis, 1\$000 por mex para os habilitar para exame.*

Em Guimarães um *sobre dito* cujo é accusado de coisa muito peor (fale o syndico snr. Bento da Costa, sub-inspector de Gaya, que sobre o facto lembrou a penitencia como justo castigo) e, o que se sabe, é que o sol continua a cobrir criminosos e cumplices com a mesma infinita misericordia, amen.

Santa terra e santos costumes.



**Excessos**

O carnaval de Lisboa teve aspectos irritantes: nas ruas o povo promoveu algumas alusões politicas muito insensatas, e a policia reprimiu-as a tiro e a sabrada.

Deploravel estado de educação a nossa!

**Noticiario**

**Entrudo**

No barracão: Muita concorrência, algumas mascaras, ruído e confusão.

No theatro: Contra as determinações do regimento jogam-se pós o que origina uma contenda onde entraram mascaras, empresarios, (?) murros e o sobreiro do regente. Perdida a noção das coisas alguém apagou as luzes... no mais aceso da refrega. Imaginem o que depois se passou!

No circulo: Representaram-se comedias e jogaram-se serpentinas.

Chá em familia.

Ballancete: O nosso entrudo vestindo-se num ferro-velho, foi despir se numa cloaca.

Veio á rua acirrar o nojo, foi aos theatros saracotear-se nos *batuques*.

Finalmente: insultou o decoro e promoveu desordens.

Bocejava ás duas e pico da madrugada.

Sem mais desgraças a lamentar—com licença.

**Doentes**

Encontram-se doentes os snrs. dr. Abilio Torres, director da companhia de banhos de Vizella; Joaquim Martins Guimarães, Augusto Mendes da Cunha, João Crystostomo Brandão, Gaspar Lindoso e Domingos Antonio de Freitas Junior.

Vimos completamente restabelecido da doença que ultimamente reteve no leito, o snr. Antonio Pereira Mendes, conceituado negociante da nossa praça.

?

Será verdade que a Camara projecte erigir na ampliada praça do leite um monumento á Grande Pouca-Vergonha?

**MORTE TRÁGICA**

POR

João Magrinho e Joaquina Cardosa

Bateram á porta. Era uma noite invernos. Mas, naquella momento, a chuva patára de bater nos vidros das janellas e o vento de uivar entre os ramos seccos das nogueiras que circundavam a casa. O fidalgo, o velho Thomaz da Cunha, acabara de jantar. No fogão da sala ardia ainda no fogo brando a ultima acha dum pinheiro. O creado correcto, as suissas limpas, arrumava a mesa; e de vés em quando dirigia uma graça ao gato angorá, que numa poltrôna se entretinha piscando os olhos pata o fogo. Na cosinha, uma ampla sala fradesca, a Laura, garrida mocetôna, ia debicando o rosario e dizendo mal do filho do Joaquim das Eiras.

—Avé-maria, o tolo julgava que

Eduardo Lemos Motta na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por esta fôrma agradecer, muito penhorado, a todas as pessoas das suas relações e amisade que durante a sua enfermidade o visitaram ou se informaram do seu estado de saude.

A todos renova os seus agradecimentos.

Guimarães, 25 de fevereiro de 1909.

**Roubo em uma igreja**

Durante a noite de segunda para terça-feira os larapios entraram, por meio de arrombamento feito na porta da sacristia, na igreja da freguezia de Caldeillas-Taipas, subtrahindo da caixa das esmolas o dinheiro que esta continha, lançando-a a um campo proximo da igreja.

Os larapios não foram muito felizes no seu feito, porquanto julgavam encontrar o ouro com que costumam adornar a Senhora das Candeias.

O parochio vae participar o crime ao administrador do concelho.

**Por piedade!**

Pedimos a attenção do ex.<sup>mo</sup> Cabido para o Albergue de S. Paio. Aquellas taboas a encobrir o desmoramento ferem a vista ao mais indifferente. A proposito: porque não reúnem todos os albergues existentes num edificio amplo e proprio, por exemplo, o convento das Dominicis?

**Real Companhia Vinicola**

O snr. Manoel José de Carvalho deu-nos conhecimento que, por contracto ultimamente feito com a Ex.<sup>ma</sup> Direcção da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, ficou habilitado a fornecer a todos os revendedores as differentes qualidades de vinho fino, e com todos os descontos que a mesma Companhia faz, havendo sómente o augmento de frete. Que todos os pedidos deverão ser feitos de uma duzia de garrafas para cima, podendo ser sortida a contento dos consumidores.

me comia, cheia de graça, nem que eu fosse das tais...

Bateram outra vês á porta. —O' Thomaz! Abre a porta! bradaram de fóra.

O creado ouvindo a voz conhecida do D. Nuno da Ermida abalou da sala, tomou da lanterna e foi, correndo e praguejando, abrir. —Massadôr...

D. Nuno entregou as redeas do seu cavallo e subiu pressurosamente o largo escadorio. Já no alto o velho fidalgo lhe estendia os braços:

—Viva, seu rapaz!

D. Nuno era um homem encorpado, bigodes arrebitados, olhar malicioso, um pouco gingão, fidalgo e fadista ao mesmo tempo, acostumado ao vicio, sabendo dar um bofetão a tempo e um beijo quando é opportuno. Orphão muito novo, muito novo tomára conta da fortuna colossal da Ermida, leguas e leguas de terreno, carradas e carradas de cortiça. O meio em que fóra lançado estragára-o. Se não lhe tirára o feito

**Aqui del-rei**

São tantas as patifarias de um tal escrívão de Juiz de Paz que estamos decididos a publicar-lhe o nome e respectiva biographia.

Como não sômos dos peores sempre vamos dizendo — agua vae.

**Futuro consorcio**

O snr. Joaquim Patricio Sarai-va, negociante desta praça, pediu na segunda-feira passada a mão da snr.<sup>a</sup> D. Aurora Freitas, galante filha do snr. Francisco Joaquim de Freitas, proprietario da Tabacaria Freitas, desta cidade.

Aos sympaticos nubentes, enviamos antecipadamente as nossas felicitações.

**Fallecimento**

Na provecta idade de 84 annos falleceu no dia 21 do corrente, o snr. Vicente de Sousa Neves, pae do snr. João de Sousa Neves co-proprietario da officina de marcenaria Neves & C.<sup>a</sup> e sogro do snr. José Gonçalves Barroso.

Os responsos de sepultura por alma do finado realisaram-se na igreja da Misericordia com assistencia dos operarios da officina Neves & C.<sup>a</sup>, de varias corporações religiosas e de muitos amigos da familia enlutada.

Recebeu a chave do caixão o snr. José da Silva Guimarães, conceituado commerciante da nossa praça e ás toalhas pegaram os snrs. Manoel José de Castro, João Rodrigues Loureiro, José Ladeira Guimarães e Francisco Joaquim de Freitas.

Que descanse em paz o saudoso extinto e á familia enlutada damos os nossos pesames.

**Associação Commercial—Eleição de nova direcção**

Vae realizar-se nesta semana a eleição dos novos corpos gerentes desta prestantissima collectividade que tantos e tão valiosos serviços tem prestado a esta laboriosa cidade nestes ultimos tempos.

E' espinhoso e bastante difficil de agir o encargo da directoria daquella casa e sobretudo quando as novas direcções queiram seguir as pisadas dos seus antecessores, sustentando tudo o que tão patrioticamente por elles foi iniciado, e tão justos applausos conquistaram para a nossa terra.

afidalgado dera-lhe, todavia, uns geitos acanhados e brigões. Tinha trinta annos quando deixára o Alemejo. Agora, com cincoenta, ainda dava no entretanto a impressão dum manco. Os ares do Minho tinham-lhe feito bem.

Entraram na sala de estudo. Thomaz da Silveira passava ali a maior parte do tempo da sua vida; a não ser a forte mania da leitura, ninguem conhecia factu algum que pudesse destaca-lo. Julgavam-no um homem normal e ponderado. Bondoso e aspero, D. Nuno começou logo tagarelado:

—Então esse cognac... Está frio, com todos os diabos. Deixame a philosophia, a eterna intrujôna! — E procurava uma *chaise-longue* onde pudesse descansar o seu corpo pesado de alemtejano.

—Olha lá: a philosophia já algum dia te ensinou a cosinhar um bom prato, a jogar uma bôa cartada ou a conquistar uma mulher?

D. Thomaz passeava agitada-mente pela sala. E do canto sombrio onde o fóra apanhar a indis-

Ignoramos quem irá substituir a actual direcção que em breve finda o seu mandato, mas seja quem fór, e disso estamos convencidos plenamente, manterá á altura dos seus credits aquella associação, não olvidando nunca que são vimaranenses e o seu caminho será sempre o da defesa dos interesses locais.

**Casos da policia**

—Foi entregue ao poder judicial a queixa apresentada na policia por João José Dias de Castro, empregado na recebedoria do concelho, sua esposa Maria Sampaio e Joséfa Gomes, moradores em Santa Cruz, contra Gaspar Garcia, solteiro, caiador, João Lopes, casado, vendeiro e sua mulher Maria Garcia, moradores na referida rua de Santa Cruz, por no dia 21 do corrente mez, agredirem e insultarem os queixosos.

*Eia tanto desasocego!*

—Deu entrada na cadeia civil desta cidade, o gatuno João Alves, o «Arrau», casado, da freguezia de Moreira de Conegos, por haver praticado varios furtos na freguezia de Infias.

*E se o deixam passava as fronteiras... roubando sempre!*

—Encontra-se detido para averiguações Antonio José Ferreira, o «Gaita», casado, pedreiro, morador na Travessa do Monte Pio, desta cidade, por haver suspeita de que fosse o auctor de um furto de gallinhas e um gallo de casta, ao queixoso Affonso Mendes, capitão do reg.<sup>o</sup> 20.

*Averiguem, averiguem, e digam-nos depois a sua casta!*

**Annúncios**

Agradecemos aos nossos respeitaveis assignantes o bom acolhimento que tem dispensado ao nosso modesto semanario; e é deveras para sentir que entre as poucas devoluções que tem havido se encontrem algumas de commerciantes desta praça, sendo certo que é ao commercio a quem a existencia deste jornal mais devia interessar.

creção do amigo respondeu com um riso frio: Eu não sou philosopho, Nuno. Tu sim, que descobriste o segredo de ser sempre môço.

—Sim descobri, mas não descobri ainda o cognac que te pedi, ha pouco.

—Ah! o cognac está ali, olha... O creado entrava na sala trazendo numa bandeja de prata, brasonada e rica, uma garrafa e dois cálices.

A chuva voltara a cair mais impetuosamente.

—Que tempestade, disse D. Nuno saboreando o primeiro cálice de cognac. Dava estalinhos com a lingua como provador tecnico. E, os olhos brilhantes, as narinas palpitando, homem de gôso, D. Nuno disse para o creado:

—Deita outro. E, enquanto o creado enchia o cálice, D. Nuno, ricaneiramente, voltou-se para o velho Thomaz:

—O' philosopho, o teu Kant tambem bebia disto? E tragava o segundo cálice.

**Carreiras diarias entre Guimarães e Povoá de Lanhoso e vice-versa**

Manoel Pinto Velloso de Barros, proprietario das carreiras diarias entre Guimarães e Povoá de Lanhoso e vice-versa, leva ao conhecimento do publico que, em observancia do disposto no art. 79.<sup>o</sup> do Codigo de Posturas Municipaes, o horario é o seguinte:

De Guimarães para a Povoá de Lanhoso

1.<sup>o</sup> carro—Partida de Guimarães: 7 horas da manhã. Chegada á Povoá de Lanhoso: 10 horas da manhã.

2.<sup>o</sup> carro—Partida de Guimarães: 2 horas da tarde. Chegada á Povoá de Lanhoso: 5 horas da tarde.

Da Povoá de Lanhoso para Guimarães

1.<sup>o</sup> carro—Partida da Povoá de Lanhoso: 5 1/2 horas da manhã. Chegada a Guimarães: 8 1/2 horas da manhã.

2.<sup>o</sup> carro—Partida da Povoá de Lanhoso: 3 horas da tarde. Chegada a Guimarães: 6 horas da tarde.

O horario do primeiro carro que parte de Guimarães ás 7 horas da manhã e regressa da Povoá ás 3 horas da tarde mantem-se até 31 de março proximo. Desde o 1.<sup>o</sup> de abril até 30 de setembro a carreira soffre a seguinte alteração:

1.<sup>o</sup> carro—Partida de Guimarães: 6 horas da manhã. Chegada á Povoá de Lanhoso: 9 horas da manhã. Partida da Povoá de Lanhoso: 4 horas da tarde. Chegada a Guimarães: 7 horas da tarde.

Cada passageiro tem direito a 15 kilos de bagagem entre Guimarães e Povoá de Lanhoso ou vice-versa e para qualquer ponto do trajecto fica ao arbitrio do escriptorio.

O escriptorio em Guimarães é no estabelecimento de mercearia e confeitaria dos snrs. Manoel Joaquim da Cunha & Menezes, á rua de Payo Galvão, e na Povoá de Lanhoso em casa do snr. Manoel Soares.

Á hora de partida de Guimarães é regulada pelo relógio do snr. Francisco Jacome.

Guimarães, 24 de fevereiro de 1909.

Manoel Pinto Velloso de Barros.

—Bem se vê que o tempo está agreste. Vens com frio e... sêde.

—Um pouco de tudo. Mas talvez mais de sêde que de frio. Mas a proposito: olha lá, emprestas-me cem mil reis?

—Procura ahi na gavêta da secretaria.

—Ah! não é preciso já, basta logo, ao sair. Tu comprehendes: com este péssimo juizo que herdei de meu pai não ha dinheiro que me chegue. E, depois daquella scena em que andei envolvido com a Maricas, sabes?, então nem te fallo...

—Já agora desisto de vêr concertada essa cabeça... E' verdade, em que pára isso?

D. Nuno levantou-se e assobian-do uma canção ligeira foi até á janella espiar a noite.

—Má noite. Ah! meu velho, isso cada vez peor. Não me largam a porta. E depois, francamente — quando as noites estam assim trago o espirito aterrado.

(Continúa)



**ATELIER DE CHAPEUS DE SENHOR A**

— DE —

*Laura Maria da Silva Villaça Martins*

Rua de Payo Galvão

GUIMARÃES

Confeção de chapéus pelos últimos modelos

PREÇOS MODICOS

Bom gosto e boa execução.

**NOVO ESTABELECIMENTO**

— DE —

**Mercearia e Confeitaria**

**Domingos Pereira Mendes**

Rua Nova de Santo Antonio

GUIMARÃES

Generos alimenticios de boas qualidades.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos finos engarrafados da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal e da antiga Casa Ferreirinha.

Especialidade em chá e manteiga.

**TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO**  
**CAMISARIA E GRAVATARIA**

— DE —

**José de Freitas Costa Soares**

Rua da Rainha

GUIMARÃES

Atoalhados, pannos de linho, roupas bordadas, colchas, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, etc., etc.

Esta casa encarrega-se da execução de enxovaes, para o que tem contracto especial com uma das principaes camisarias da capital do Norte.

**Estabelecimento de fazendas de lã e algodão**

— DE —

**Camillo Larangeiro dos Reis**

Largo do Tournal

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre grande sortido de fazendas, ultima novidade, para fatos de homem e creança.

Preços sem competencia.

**Ao Guarda-sol Elegante**

Bons Guarda-soes de seda para senhora a 28000 reis, vendem-se no Guarda-soleiro da rua da Rainha.

Annunciam-se por ser pechincha.

Bons Guarda-soes de brilhantime para homem e senhora a 850 reis, vendem-se no Guarda-soleiro da rua da Rainha.

Annunciam-se por ser pechincha.

TYP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de encadernação, Papelaria e Livraria

— DE —

**Antonio Luiz da Silva Dantas**

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

**PREÇOS RASOAVEIS**

**FAZENDAS BRANCAS**

— E —

**Miudezas**

**Loja dos Caixeiros**

— DE —

**João Pereira Mendes & C.<sup>a</sup>**

Largo do Tournal

GUIMARÃES

**Commercio do Norte**

Preço da assignatura	Preço das publicações
Anno . . . . . 1\$300 rs.	Annuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.
Semestre . . . . . 650 "	Repetição, por linha . . . . . 20 "
Brazil e Africa Portugueza . . . . . 3\$000 "	Permanentes, contracto especial.
Numero avulso . . . . . 40 "	

*Ca. mo. Sni.*